

AQUELES RISCOS MISTERIOSOS IMPRESSOS EM PAPEL...

Jorge Gomes

- ▶ **Os livros aos quadradinhos da Disney**
- ▶ **A Fada Oriana**, Sophia de Mello Breyner Andresen
- ▶ **O Rapaz de Bronze**, Sophia de Mello Breyner Andresen
- ▶ **Os Cinco**, Enid Blyton
- ▶ **Obras sobre a natureza das Selecções do Reader's Digest**
- ▶ **Capitães da Areia**, Jorge Amado
- ▶ **Os Subterrâneos da Liberdade**, Jorge Amado
- ▶ **Mar Morto**, Jorge Amado
- ▶ **Esteiros**, Soeiro Pereira Gomes
- ▶ **Os Maias**, Eça de Queiroz

Esgotadas as histórias orais do meu pai, na minha primeira infância, a inovação chegava pela voz da minha mãe com as tropelias dos quadradinhos da Disney. O Tio Patinhas e o Mickey, o Pateta e os Irmãos Metralha surgiam no ritmo exacto para entreter alguns minutos. Ainda não sabia ler aqueles riscos misteriosos impressos em papel... as letras.

Com seis anos de idade, um mundo novo, frio, a escola. Sob a pressão de um condicionamento inabitual, mais histórias se sucediam, como a do rato do campo e o da cidade, leituras já de si esgrimidas entre o caldeirão da Carochinha e os caracteres que definiam o fado do João Ratão.

Tantos outros contos passaram, hoje meio esquecidos, todos eles esborrachados sob o tampo castanho da carteira pelo próprio tempo das aulas e as reguadas que via os colegas enfardarem na alma, à espera da luz pálida das brincadeiras de intervalo.

Na adolescência *A Fada Oriana*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, encantou-me. Não lhe apanhei com doze anos todo o sentido, mas nos passeios indispensáveis pelos bosques das redondezas, parei mais tempo junto de um tronco caído coberto de musgo: parecia-me impossível não ver ali um outro mundo maravilhoso, entre os pequenos cogumelos e líquenes que espreitavam a luz.

Naquela altura havia alguns livros editados pelas Selecções do Reader's Digest, bem ilustrados, que o meu pai se lembrava de me oferecer. Sabia da paixão precoce pela natureza. Grandes, algumas dessas obras teriam um terço do meu tamanho. As paisagens verdes de florestas e prados, de savanas e desertos, de montanhas e rios configuravam o vórtice que me absorvia numa leitura temática inevitável. Afinal a vida faz-se de surpresas, de descobertas, num interminável caminho.

Não tardei depois a descobrir nas prateleiras de um primo os *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. Às vezes pensava... ler as histórias de outros leva-nos ao papel de uma divindade impotente, que é espectador da acção mas nada modifica. Por outro lado, ouvir uma peça musical que viesse de feição, bem interpretada, era um deleite, mas executarmos nós próprios um trecho que nos fosse acessível tornava-se arrebatador.

Entre reticências, dias chegaram em que o quotidiano me chamou à liça. As leituras caíram na inércia. Era o tempo de fazer.

Como a vida se faz de mudança e tudo se burila na diversidade, há lugar no tempo para agir e há momentos para ler. Variar, pôr de lado o mesmo de sempre, sublima também as janelas por que se espreita a vida – é assim como a elevada biodiversidade, de que todos dependemos. ■



Jorge Gomes nasceu em 23 de Agosto de 1961, na cidade do Porto; desde sensivelmente 1990 ingressou nas áreas da escrita e da fotografia em diversos jornais e revistas. Em 2001 passou a trabalhar no Parque Biológico de Gaia como coordenador da revista trimestral *Parques e Vida Selvagem*, distribuída com o *Jornal de Notícias* e ancorada em conteúdos de educação ambiental.